

Odilon K. Alves Batista
São Paulo, 28 de junho de 2022.

Ensaio: Linguagem neutra e inclusiva

O presente ensaio irá apresentar uma contra-argumentação relacionada à ideia de que a língua, na sua estrutura normativa, não é suficiente para incluir aqueles que são inferiorizados e não possuem seus reconhecimentos legitimados.

Os indivíduos se comunicam através das linguagens e estas podem ser expressadas pelos seus corpos. À medida em que surgem pautas sobre uma linguagem inclusiva ou sobre a sua neutralidade, emergem reinvenções de corpos dissidentes - ou seja, pessoas que destoam dos padrões estéticos, culturais, raciais e comportamentais socialmente aceitos - pelo seus reconhecimentos como cidadãos. A legitimação da cidadania desses indivíduos perpassa pela compreensão do que esses corpos estão expressando através das linguagens. Ora, havendo a necessidade de inclusão de indivíduos, consequentemente, existe a exclusão e o não reconhecimento destes. Neste sentido, é preciso refletir a existência de outros elementos da linguagem, para além da língua, que contribuiriam para romper barreiras que impeçam a fruição do que a linguagem do outro quer comunicar.

As linguagens são intrínsecas à existência humana. Um bebê, por exemplo, utiliza elementos corporais para comunicar suas necessidades. Quando ele está com fome ou em alguma situação de desconforto, chora, mexe o corpo. Essa forma de comunicação mais primitiva evolui ao passo que o indivíduo interage em sociedade. O bebê vai tendo contato com outras formas de linguagem, sobretudo a verbal. A língua, compreendida como um conjunto de elementos organizados por um sistema gramatical, construída e convencionada pela sociedade, vai fazendo parte da vida do recém-nascido. Aos poucos, ele vai adquirindo a capacidade de significar através da utilização do número finito de palavras contidas na língua do grupo a qual o mesmo está inserido. Contudo, o bebê e os demais indivíduos pertencentes ao grupo estão condicionados, portanto, aos padrões normativos da língua.

A linguagem não verbal, por sua vez, é a que se vale de outros signos não linguísticos. Neste caso, há a possibilidade de diversas formas de representação e

expressão que permitem os indivíduos se comunicarem através da música, dança, fotografia, teatro, pintura, entre outras. A corporeidade, ou seja, a experiência de interação do corpo com o mundo é moldada de acordo com os padrões sócio-culturais a qual o indivíduo está inserido. Em seu processo de desenvolvimento como cidadão, o bebê cresce e entra em contato com diversos dispositivos pedagógicos que moldam sua percepção do mundo. A partir da delimitação dos papéis de gênero limitados à binaridade, noção construída em sociedade, é negada a experiência da performatividade dos corpos dentro dos espaços sociais.

A instituição escolar, enquanto aparelho ideológico do Estado, conceito elaborado pelo autor Louis Althusser, exerce forte controle à liberdade de expressão da corporeidade e subjetividade das crianças. A formação desses sujeitos como cidadãos perpassa pela institucionalização de condutas moldadas para corpos masculinos ou femininos - ambos cisgêneros. Caso haja o desvio da normativa imposta, os indivíduos sofrem exclusões, advertências e até bullying. Uma pesquisa realizada em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) aponta que dentre 120 famílias, 77,5% de crianças e adolescentes transgêneros - entre 5 e 17 anos - foram vítimas de bullying no ambiente escolar. Os dados foram coletados de pais, mães e responsáveis de estudantes transgêneros de 62 cidades brasileiras. Os relatos dos cuidadores foram separados de acordo com os autores das violências, sendo eles adultos e crianças. Dentre os adultos, 65% dos acusados de bullying eram profissionais das instituições de ensino.

A cidadania pode ser compreendida como o conjunto dos direitos e deveres civis e políticos de um indivíduo na sociedade. Entretanto, quando se trata de um corpo dissidente, não há o gozo total dos seus direitos como cidadão. Os sujeitos que divergem do padrão binário cisgênero, não tem seu direito à segurança resguardado - de acordo com dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), pelo menos 80 pessoas trans foram assassinadas no Brasil, apenas no primeiro semestre de 2021. O corpo é uma manifestação política, através dele é possível se comunicar simplesmente pela sua existência. Nenhum gesto humano é vazio de sentido. Por isso, há de se questionar: por que alguém que não

está inserido nos padrões hegemônicos causa tanto desconforto a ponto de ter sua cidadania deslegitimada?

Pensar na linguagem inclusiva vai muito além de modificar pronomes e outras sentenças da língua portuguesa. A linguagem inclusiva é saber interpretar o que os corpos que a reivindicam querem comunicar. Uma resolução instrumental, modificando a língua, de nada adiantaria se as existências não são respeitadas.

REFERÊNCIAS

POKORSKI, L. A. F. POKORSKI, M. M. W. F. A linguagem constituinte do ser humano. **Revista Pepsic**, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n38/n38a11.pdf>> Acesso em: 24 de jun. de 2022

BAGNO, Marcos. Linguagem. **Glossário Ceale**. Brasília. UnB. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/linguagem>> Acesso em: 24 de jun. de 2022

SOUZA, Renata. 77% dos jovens transgênero sofrem transfobia no ambiente escolar, diz estudo. **CNN BRASIL**, São Paulo. 2013 Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-diz-que-77-de-criancas-e-adolescentes-sofrem-transfobia-no-ambiente-escolar/>> Acesso em: 25 de jun. de 2022

SILVA, F. V. JALES, R. D. PEREIRA I. L. ALMEIDA, L.R. NOGUEIRA, J.A. ALMEIDA, S. A. A transgeneridade infantil sob a ótica de professores de ensino fundamental. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/VhyP8ztbC9syQSqtmKyg7hn/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 24 de jun. de 2022